

Livro de Poemas

QUINHENTISMO

Jesus na manjedoura, Pe. José de Anchieta

- Que fazeis, menino Deus,

Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza,

Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso

E de graça mui colmado,

Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,

Dizei-me, santo Menino,

Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,

Em que jazo embrulhado,

Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

BARROCO

Pintura admirável de uma beleza, Gregório de Matos

Vês esse sol de luzes coroados?

Em pérolas a aurora convertida?

Vês a lua de estrelas guarnecida?

Vês o céu de planetas adorados?

O céu deixemos; vês naquele prado

A rosa com razão desvanecida?

A açucena por alva presumida?

O cravo por galã lisonjeado?

Deixa o prado; vem cá, minha adorada:

Vês desse mar a esfera cristalina

Em sucessivo aljófar desatada?

Parece aos olhos ser de prata fina?

Vês tudo isto bem?

Pois tudo é nada

À vista do teu rosto, Catarina.

ARCADISMO

XXVIII (Sonetos) [Faz a imaginação de um bem amado], Cláudio Manuel da Costa

Faz a imaginação de um bem amado,
Que nele se transforme o peito amante;
Daqui vem, que a minha alma delirante
Se não distingue já do meu cuidado.

Nesta doce loucura arrebatado
Anarda cuida ver, bem que distante;
Mas ao passo, que a busco, neste instante
Me vejo no meu mal desenganado.

Pois se Anarda em mim vive, e eu nela vivo,
E por força da ideia me converto
Na bela causa de meu fogo ativo;

Como nas tristes lágrimas, que verto,
Ao querer contrastar seu gênio esquivo,
Tão longe dela estou, e estou tão perto.

ROMANTISMO

Adormecida, Castro Alves

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

‘Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
lam na face trêmulos – beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremece...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
“Ó flor! – tu és a virgem das campinas!
“Virgem! – tu és a flor da minha vida!...”

REALISMO

Carolina, Machado de Assis

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.